

SEÇÃO 1 – Panorama Internacional

Petróleo

- 1.1 Reservas
- 1.2 Produção
- 1.3 Consumo
- 1.4 Refino
- 1.5 Preços

Gás Natural

- 1.6 Reservas
- 1.7 Produção
- 1.8 Consumo

A primeira seção retrata o desempenho da indústria mundial de petróleo e gás natural, contextualizando a atuação do Brasil, e se desdobra em dois grandes temas: **Petróleo** e **Gás Natural**. O primeiro capítulo de cada um deles trata da evolução das *Reservas*; o segundo, da *Produção*; e, o terceiro, do *Consumo* entre os anos de 2002 e 2011.

No tema **Petróleo** são apresentados mais dois capítulos - *Refino* e *Preços* - que abordam, respectivamente, a situação do refino mundial e a evolução das cotações internacionais do petróleo, tomando como referência os tipos Brent e West Texas Intermediate (WTI).

Petróleo

1.1. Reservas

Em 2011, as reservas provadas de petróleo no mundo atingiram a marca de 1,65 trilhão de barris, após um aumento de 1,88% em relação a 2010.

As reservas dos membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) aumentaram em 2,48%, para 1,2 trilhão de barris, 72,4% do total mundial; enquanto as dos países que não fazem parte da Opep tiveram um acréscimo de 0,34%, para 456,3 bilhões de barris.

O Oriente Médio, região que concentra a maior parte das reservas mundiais, registrou aumento de 3,84%, para 795 bilhões de barris, 48,1% do total, impulsionado pelo acréscimo de 24,43% nas reservas do Iraque.

Entre os países, a Venezuela seguiu como detentora do maior volume de reservas petrolíferas, com 296,5 bilhões de barris, 17,9% do total, após ter ultrapassado a Arábia Saudita em 2010. As reservas sauditas registraram um pequeno acréscimo de 0,34%, para 265,4 bilhões de barris, 16,1% do total, mantendo-se na segunda posição do ranking mundial de reservas provadas.

Entre as regiões que registraram queda em suas reservas, a América do Norte teve diminuição de 0,14%, em consequência do decréscimo de 2,55% no México. A África e a região Ásia-Pacífico também viram suas reservas cair em, respectivamente, 0,21% e 1,06%, devido às diminuições no Egito, Índia e Indonésia.

Em contrapartida, a região que compreende Europa e ex-União Soviética teve aumento de 1,13%, para 141,1 bilhões de barris, 8,5% do total, diante dos acréscimos registrados por Noruega e Rússia. As Américas Central e do Sul também apresentaram alta de 0,19%, impulsionadas por Brasil e Colômbia, que viram suas reservas provadas crescerem 5,64% e 4,61%, nesta ordem.

Com este incremento, em parte devido às descobertas na área do pré-sal, as reservas provadas brasileiras chegaram a 15,1 bilhões de barris de petróleo, e situaram o País na 14ª posição do ranking mundial.

Tabela 1.1

Gráfico 1.1

Cartograma 1.1

1.2. Produção

O volume de petróleo produzido no mundo em 2011 aumentou 1,33%, passando de 82,5 milhões de barris/dia para 83,6 milhões de barris/dia.

Nesse período, os membros da Opep incrementaram sua produção em 3,1% e atingiram o volume de 35,8 milhões de barris/dia. Com isso, sua participação na produção mundial subiu de 42,1% para 42,9%. Já os países que não fazem parte da Opep registraram um pequeno aumento de 0,04%, para 47,7 milhões de barris/dia, 57,1% do total.

A Arábia Saudita ultrapassou a Rússia no ranking de maior produtor de petróleo, com uma média de 11,2 milhões de barris/dia ou 13,4% do total mundial, após aumentar sua produção em 12,1% para compensar as perdas causadas na Líbia. A produção da Líbia caiu 71,1%, reduzindo-se em mais de 1,1 milhão de barris/dia, por causa da crise política e a onda de violência que assolou o país em 2011. Outros países da Opep que aumentaram sua produção em consequência da crise líbia foram: Catar (9,8%), Coveíte (13,8%), Emirados Árabes Unidos (15,9%), Iraque (12,8%) e Nigéria (0,2%).

A Rússia ocupou o segundo lugar do ranking, com 10,3 milhões de barris/dia, 12,3% do total mundial, seguida de Estados Unidos, Irã, China e Canadá. O Brasil ficou na 13ª posição, após um acréscimo de 2,6% no volume de óleo produzido, para 2,2 milhões de barris/dia, 2,6% do total mundial.

Por regiões, o Oriente Médio deteve a maior produção de petróleo, com 27,7 milhões de barris/dia, 33,1% do total mundial, após um aumento de 9,4% em relação a 2010. Em seguida vieram Europa e ex-União Soviética, com 17,3 milhões de barris/dia, 20,7% do total, apesar do decréscimo de 1,8% em sua produção. Esta queda se deu em consequência, entre outros, dos resultados no Azerbaijão (-10,2%), na Dinamarca (-10,1%), na Noruega (-4,6%) e no Reino Unido (-17,9%).

A América do Norte ocupou o terceiro lugar, com 14,3 milhões de barris/dia ou 17,1% do total, após aumento de 3%. Os Estados Unidos, terceiro maior produtor mundial, impulsionaram esta alta junto do Canadá, após crescerem, respectivamente, 3,8% e 4,6%.

A África e a região Ásia-Pacífico registraram queda em sua produção de 12,9%, para 8,8 milhões de barris/dia, e 2%, para 8,1 milhões de barris/dia, nesta ordem. Na África, além da Líbia, outros países como Angola (-7,3%), Argélia (-1,9%), Chade (-6,8%), Gabão (-2%), Guiné-Equatorial (-8,1%), Sudão (-2,6%) e Tunísia (-2,6%) apresentaram decréscimo na produção de petróleo. Na região Ásia-Pacífico, a queda relativa foi liderada por Austrália (-13,7%), Malásia (-10,8%) e Indonésia (-6,1%).

Por sua vez, a produção de óleo nas Américas Central e do Sul apresentou alta de 1,2%, impulsionada, principalmente, pelos aumentos na Colômbia (16,2%), no Equador (2,7%) e no Brasil (2,6%).

Tabela 1.2

Gráfico 1.2

Cartograma 1.2

1.3 Consumo

Em 2011, o consumo mundial de petróleo foi 0,7% superior a 2010, totalizando 88,03 milhões de barris/dia.

A região que mais consumiu foi a Ásia-Pacífico, com 28,3 milhões de barris/dia, 32,1% do total. O crescimento do consumo nessa região foi de 2,7%, com destaque para China (+5,5%, para 9,8 milhões de barris/dia), Japão (+0,1%, para 4,4 milhões de barris/dia), Índia (+4,2%, para 3,5 milhões de barris/dia) e Coreia do Sul (+0,3%, para 2,4 milhões de barris/dia).

A América do Norte ocupou a segunda posição no ranking de consumo mundial, apesar do decréscimo de 1,4%, para 23,2 milhões de barris/dia, 26,3% do total. Este resultado se deveu às quedas de consumo no Canadá (-0,2%) e nos Estados Unidos (-1,8%). Mesmo com a diminuição, este último país se manteve na posição de maior consumidor de petróleo, com 18,8 milhões de barris/dia, 21,4% do total mundial, seguido pela China, com 9,8 milhões de barris/dia, 11,1% do total.

A Europa e a ex-União Soviética tiveram consumo ligeiramente menor que em 2010 (-0,6%), totalizando 18,9 milhões de barris/dia ou 21,5% do total. O Oriente Médio, por sua vez, representou 9,2% do consumo mundial, com 8,1 milhões de barris/dia – um crescimento de 2,4% em relação a 2010.

As Américas Central e do Sul também registraram alta em seu consumo, em consequência de aumentos em quase todos os países, com exceção de Trinidad e Tobago (-4,1%). Com isso, o acréscimo na região foi de 2,7%, para 6,2 milhões de barris/dia, 7,1% do total mundial. O Brasil apresentou acréscimo de 0,9% no consumo de petróleo, para 2,7 milhões de barris/dia, 3% do total mundial, mantendo-se na sétima posição no ranking de maiores consumidores.

A África, por sua vez, apresentou baixa de 1,2%, para 3,3 milhões de barris/dia, 3,8% do total mundial.

Tabela 1.3

Gráfico 1.3

Cartograma 1.3

1.4. Refino

Em 2011, a capacidade efetiva de refino instalada no mundo era de 93 milhões de barris/dia, para uma produção mundial de petróleo de 83,6 milhões de barris/dia.

Os Estados Unidos mantiveram o primeiro lugar no ranking de capacidade mundial de refino (17,7 milhões de barris/dia, 19,1% do total), seguidos de China (10,8 milhões de barris/dia, 11,6% do total), Rússia (5,7 milhões de barris/dia, 6,1% do total), Japão (4,3 milhões de barris/dia, 4,6% do total) e Índia (3,8 milhões de barris/dia, 4,1% do total). Juntos, estes cinco países responderam por 45,5% da capacidade mundial de refino.

O Brasil subiu para o oitavo lugar no *ranking*, com 2,1 milhões de barris/dia ou 2,3% da capacidade mundial.

Tabela 1.4

Gráfico 1.4

Cartograma 1.4

1.5. Preços

Em 2011, o óleo do tipo WTI foi cotado no mercado *spot* a uma média anual de US\$94,84/barril, enquanto o petróleo do tipo Brent, a US\$111,38/barril. Com relação a 2010, houve alta de 20,1% e 40,9%, respectivamente.

Essa grande diferença de preços (US\$16,54/barril) entre o Brent e o WTI se deveu ao aumento de estoques em Cushing, Oklahoma – ponto de distribuição do WTI – e a seu conseqüente excesso de oferta. Já o Brent se caracterizou pela escassez de oferta e, por isso, seus preços dispararam em relação ao WTI.

Nos últimos dez anos, o crescimento médio anual do preço do WTI foi de 15,4%, e o do Brent, de 18,1%.

Tabela 1.5

Gráfico 1.5

Gráfico 1.6

Gás Natural

1.6. Reservas

Em 2011, as reservas provadas mundiais de gás natural somaram 208,4 trilhões m³, registrando um crescimento de 6,3% em comparação com o ano anterior.

As reservas dos países-membros da Opep, que concentraram 45,3% do total, apresentaram um aumento de 0,7%, para 94,4 trilhões m³. Já as reservas dos outros países somaram 114,1 trilhões m³, após crescerem 11,4% em relação a 2010.

Por regiões, a maior parte das reservas provadas se concentrou no Oriente Médio, após uma ligeira alta de 0,8%, para 80 trilhões m³, 38,4% do total. Por países, o destaque nesta região é para o Irã e o Catar, que reuniram respectivamente, 33,1 trilhões m³ e 25,1 trilhões m³ em volume de reservas. Juntos, concentraram 27,9% das reservas mundiais e 72,6% das reservas do Oriente Médio.

Em seguida, vieram a Europa e a ex-União Soviética, com 78,7 trilhões m³, 37,8% do total, após um aumento robusto de 15,7%, impulsionado pelo crescimento no Turcomenistão (+81,9%), na Noruega (+1,4%) e na Rússia (+0,5%). Este último país deteve a maior parte das reservas provadas de gás natural, com 44,6 trilhões m³ ou 21,4% do total.

A região Ásia-Pacífico, com 16,8 trilhões m³ em volume de reservas de gás natural, 8% do total, registrou crescimento de 1,9%, impulsionada, principalmente, por Índia (+8%) e China (+7%). Por sua vez, as reservas da África aumentaram 0,1%, chegando a 14,5 trilhões m³. E, na América do Norte, as reservas tiveram um incremento de 4,9%, para 10,8 trilhões m³.

As Américas Central e do Sul registraram aumento de 1,6% no volume de suas reservas, para 7,6 trilhões m³. O destaque foi para o crescimento de 8,6% no Brasil, cujas reservas chegaram a 450 bilhões m³. Assim, o País ficou na 31ª colocação no ranking das maiores reservas provadas de gás natural.

Tabela 1.6

Gráfico 1.7

Cartograma 1.5

1.7. Produção

Em 2011, a produção mundial de gás natural alcançou 3,3 trilhões m³, após alta de 3,1% em relação a 2010.

Os membros da Opep tiveram crescimento de 6,7% em sua produção, para 617,5 bilhões m³, 18,8% do total, enquanto os países que não fazem parte da Opep apresentaram alta de 2,3%, para 2,7 trilhões m³ ou 81,2% do total mundial.

Por regiões, o Oriente Médio exibiu a maior taxa de crescimento (+11,4%), atingindo o volume de 526,1 bilhões m³ ou 16,1% do total. No entanto, Europa e ex-União Soviética se mantiveram como maiores produtores de gás natural, com 1,04 trilhão m³, 31,6% do total mundial, após ligeira alta de 0,9%.

A América do Norte se manteve na segunda posição, com uma produção de 864,2 bilhões m³ ou 26,4% do total, após incremento de 5,5%. As Américas Central e do Sul registraram alta de 3,03%, para 167,7 bilhões m³, 5,1% do total, impulsionadas pelos crescimentos, no Peru, no Brasil e na Bolívia, de, respectivamente, 57%, 16,2% e 8,1%.

As regiões Ásia-Pacífico e África foram as únicas a apresentar queda na produção, de, respectivamente, 0,9%, para 479,1 bilhões m³, e 5,1%, para 202,7 bilhões m³.

Por países, os Estados Unidos se mantiveram em primeiro lugar no ranking de produtores de gás natural, com 651,3 bilhões m³, 19,9% do total, após incremento de 7,8%. Em seguida veio a Rússia, com 607 bilhões m³ ou 18,5% do total, após crescimento de 3,1%. O Brasil ocupou a 31ª posição, com uma produção de 16,7 bilhões m³, 0,5% do total, após alta de 16,2%.

Vale ressaltar que a metodologia de cálculo da BP para a produção de gás natural não inclui queima, perda, reinjeção, diferentemente da realizada aqui no Brasil. Isso justifica a diferença de valores que constam nesta Seção e na tabela 2.11 da Seção 2.

Tabela 1.7

Gráfico 1.8

Cartograma 1.6

1.8 Consumo

Em 2011, o consumo mundial de gás natural apresentou crescimento de 2,2%, para 3,2 trilhões m³. Este número foi impulsionado pelas altas exibidas em todas as regiões, com exceção da Europa e da ex-União Soviética.

Por regiões, o maior consumo foi verificado na Europa e na ex-União Soviética, de 1,1 trilhão m³, 34,2% do total, apesar da queda de 2,1%. Em seguida, veio a América do Norte, com 863,8 bilhões m³, 26,8% do total.

A região Ásia-Pacífico registrou aumento de 5,9% no consumo de gás natural, para 590,6 bilhões m³, 18,3% do total. Por sua vez, o Oriente Médio apresentou crescimento de 6,9%, para 403,1 bilhões m³, 12,5% do total; enquanto a África teve incremento de 2,7%, para 109,8 bilhões m³, 3,4% do total.

Nas Américas Central e do Sul, o aumento do consumo foi de 2,9%, para 154,5 bilhões m³, 4,8% do total. O Brasil registrou queda de 0,3%, para 26,7 bilhões m³, e ocupou a 29ª posição no ranking de maiores consumidores de gás natural, com uma participação de 0,8% do total mundial.

Por países, o maior consumo de gás natural foi verificado nos Estados Unidos, de 690,1 bilhões m³ ou 21,4% do total mundial. Em seguida veio a Rússia, com 424,6 bilhões m³, 13,2% do total.

Tabela 1.8

Gráfico 1.9

Cartograma 1.7